

# O Fortalecimento dos preços do café depende de uma correta política de crédito

O Conselho Monetário Nacional, em sua reunião de 18 de junho, aprovou normas de financiamentos para o café. Os recursos previstos chegam a R\$ 3,16 bilhões, aos quais deve

ser adicionada a soma de R\$ 900 milhões (valor aproximado dos financiamentos de estocagem concedidos na safra passada, que tiveram

os seus vencimentos alongados em 12 meses). Esse

pacote robusto é seguramente o maior já aplicado ao café ao início da safra e mostra potencial capaz de viabilizar ações volta-

das para assegurar um fluxo ordenado de escoamento do produto, de atendimento aos mercados e de sustentação e valorização dos preços internos, com reflexos positivos sobre as cotações externas.

Como o crédito é o principal instrumento de política cafeeira, esse volume de recursos tem significativa importância para interferir positivamente nos preços da safra, na renda do produtor e na colocação do produto. Porém, esses objetivos só serão atingidos com um direcionamento correto e assertivo. E a análise da distribuição da verba alocada traz incertezas e grande preocupação pela sua aparente ineficácia e pelos prejuízos que podem trazer ao conjunto do negócio café. A estrutura de organização das linhas de crédito aprovada guarda grande semelhança com o modelo aplicado no último Plano de Safra 2012/2013, no qual a política cafeeira foi orien-

tada, por inspiração do setor de produção, para a adoção de medidas de contração da oferta interna, através das cooperativas de cafeicultores, como forma de forçar altas.

Os resultados dessa política, que remete ao passado, foram frustrantes e, em grande parte, contribuíram – ao longo da safra que agora se encerra – para a situação de enfraquecimento dos preços internos (de R\$ 390,00 por saca de café arábica ao início da safra, para R\$ 285,00 atualmente) e seus reflexos nas cotações externas (com retração de 30% no mesmo período). O produtor perdeu renda, os estoques internos cresceram, a exportação caiu de 33,5 milhões de sacas, em 2011, para 28,3 milhões, em 2012 e houve perda de participação do Brasil de 33%, em 2011, para 25%, em 2012, sobre as exportações totais dos países produtores de café. Abstraindo-se a questão da contração da oferta para ob-



## EXPORTAÇÕES MUNDIAIS DE CAFÉ E PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA

Mil sacas 60Kg

	MUNDO	BRASIL	Part.(%)
2008	97.590	29.507	30%
2009	96.234	30.347	32%
2010	96.935	33.029	34%
2011	104.356	33.509	32%
2012 *	113.144	28.331	25%

\* estimativa

Var.(%)			
2012 x 2011	8,4%	-15,5%	-22,0%

ter melhores preços e o consequente retorno à política do “guarda-chuvas”, o esquema financeiro ora aprovado prevê recursos para a estocagem que podem chegar ao valor de R\$ 1,56 bilhão. Além da rolagem dos financiamentos de estocagem da safra passada, passíveis de prorrogação (cerca de R\$ 900 milhões), e os valores do Custeio, que podem ser convertidos em estocagem (R\$ 600 milhões). Restaram, para os demais agentes do mercado - comércio e indústria -, valores que permitem financiamentos de cerca de três milhões de sacas, o que significa apenas 6% da safra e 75% do volume mensal que tais agentes adquirem e utilizam para suprir os mercados externo e doméstico.

A enorme concentração e a desproporcionalidade dos recursos financeiros alocados na linha de crédito de estocagem, utilizada na sua quase totalidade pelas cooperativas, são um equívoco. Isso porque a contração da oferta interna trazida pelas compras que as cooperativas realizam ou dos repasses dos financiamentos aos seus cooperados não necessariamente exerce efeitos sobre os preços e, além disso, ocasiona uma ociosidade de recursos.

Essa situação - concentração e ociosidade dos recursos - gera falta de liquidez às demais ope-

rações internas, uma vez que os agentes do mercado, pela inexistência/insuficiência de recursos creditícios, são estimulados a “encurtar” os seus estoques de trabalho, com o inevitável afrouxamento da demanda, que fica restrita ao desaparecimento (exportação e consumo interno).

Desse modo, parece provável que a estocagem que venha a ser feita a partir das linhas de crédito ora aprovadas não dê sustentação aos preços. Isso porque a oferta típica de início de safra tende a ser superior à demanda da exportação e do consumo interno. Sem uma demanda adicional, que só virá a partir de uma situação de liquidez financeira capaz de estimular a ativação dos negócios, os preços internos podem não reagir. E, assim, deve se repetir o que ocorreu em relação à safra passada. Ou seja, o Governo será confrontado ou com pedidos de novas prorrogações de vencimentos ou, mais provável, para que compre cafés, através do sistema de opções, para a liquidação de posições das Cooperativas e/ou dos financiamentos de seus cooperados e, assim, evitar pressões sobre as safras futuras.

Em resumo, a linha de estocagem deve ser vista como uma forma de permitir ao produtor organizar o seu fluxo de vendas. Portanto, os recursos a serem alocados devem partir deste objetivo e não ser utilizados, como se fez na safra

passada e se pretende repetir, como mecanismo de formação de estoques. Acreditamos que a criação de um cenário de fortalecimento dos preços internos e de incremento das exportações passa pela disponibilização de linhas de crédito aos agentes comerciais internos, em condições e montantes que estimulem o alongamento dos estoques de trabalho. E, definitivamente, passa também por estímulos ao setor industrial, para que se comprometa com um programa imediato de ampliação do uso de cafés arábicas nos seus blends industriais, estancando o processo de substituição de cafés arábicas por conillon que se observa, gerando um melhor equilíbrio entre oferta e demanda. Lamentavelmente, as linhas de créditos aprovadas não contemplam estas questões fundamentais ao equacionamento dos problemas enfrentados pelo agronegócio café. Apenas traduzem o conceito de que a renda do produtor será buscada não na melhoria dos preços do mercado, mas nas transferências do Tesouro.

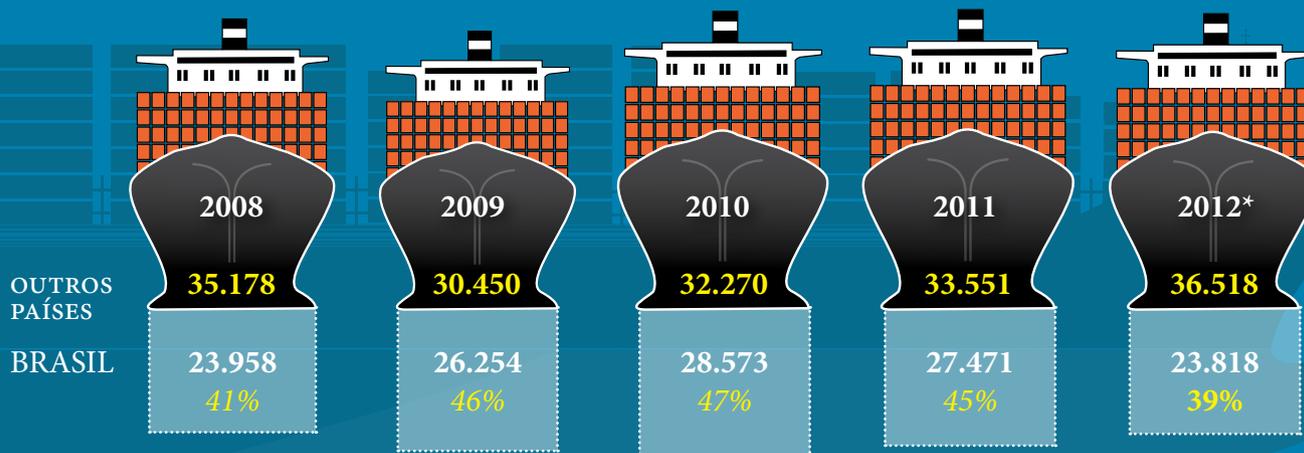
Guilherme Braga Abreu Pires Filho

Presidente do Centro de Comércio de Café do Rio de Janeiro

e Diretor Geral do CeCafé

## EXPORTAÇÕES MUNDIAIS DE CAFÉ ARÁBICA E PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA

Mil sacas 60Kg



Fonte: OIC / CECAFÉ

\* estimativa